



DESCODIFICAÇÃO

ÁFRICA OCIDENTAL: AS REDES MOBILIZADAS PARA DEFENDER A AGROECOLOGIA

A Coordination SUD é a coordenação nacional das ONG francesas de solidariedade internacional (OSI).

Fundada em 1994, reúne atualmente mais de 175 OSI, incluindo cerca de uma centena através de seis grupos de associações (CLONG-Volontariat, Cnajep, Coordination Humanitaire et Développement, CRID, Forim, Groupe Initiatives) que realizam ações humanitárias de emergência, de ajuda ao desenvolvimento, de proteção ambiental e de defesa dos direitos humanos das populações desfavorecidas em França e no estrangeiro, bem como ações de educação e defesa da cidadania e solidariedade internacional. A Coordination SUD tem quatro missões: a defesa e promoção das OSI, o apoio e reforço das OSI francesas, o acompanhamento e análise do setor da solidariedade internacional e, finalmente, a representação de posições comuns junto de instituições públicas e privadas em França, na Europa e no mundo.

A Comissão de Agricultura e Alimentação (C2A) da Coordination SUD.

Esta publicação é feita pela Comissão de Agricultura e Alimentação (C2A) da Coordination SUD. Como parte da sua missão de apoio à defesa coletiva dos seus membros, a Coordination SUD criou comissões de trabalho. Assim, a C2A reúne ONG de solidariedade internacional que atuam no sentido da realização do direito à alimentação e um apoio mais forte à agricultura familiar nas políticas que têm um impacto na segurança alimentar mundial: ActionAid France – Peuples Solidaires, Action Contre la Faim, AgriSud, Agter, Artisans du Monde, AVSF, CARI, CCFD-Terre Solidaire, CFSI, Commerce Équitable France, Gret, Iram, ISF Agrista, MADERA, Max Havelaar, Oxfam France, Réseau Foi et Justice Afrique Europe, Secours Catholique – Caritas France, SOL – Alternatives Agroécologiques et Solidaires, Terre et Humanisme, UNMFREO. A C2A representa a Coordination SUD em instituições que lidam com a agricultura e a alimentação, tais como o Grupo Interministerial Francês sobre Segurança Alimentar (GISA) e o Mecanismo da Sociedade Civil (MSC) para o Comité de Segurança Alimentar Mundial (CSA).

Contacto da Comissão de Agricultura e Alimentação (C2A):

Carline Mainenti, AVSF

E-mail : c.mainenti@avsf.org

Site web : www.coordinationsud.org

Esta nota foi escrita por Lorine Azoulai (SOL) com base em entrevistas conduzidas por Chantal Jacovetti (consultora).



Com contribuições do comité diretor coordenado por Victoire Caïla (SOL) e que envolveu: Marie Cosquer (ACF), Myriam Mackiewicz Houngue (AVSF), Jessica Pascal (CCFD-Terre Solidaire) e Leila Werem (3AO).



A C2A e a 3AO agradecem à Adepa, Afsa, CGLTE-OA, COASP, COPAGEN, Inades-Formation, La Via Campesina África Central e Ocidental, Roppa e UFROAT pela sua colaboração.



Realizada no seio da C2A, em colaboração com a 3AO, e com o apoio financeiro da Agência Francesa de Desenvolvimento. As opiniões expressas no presente documento não representam, de forma alguma, as opiniões oficiais dos organismos que concederam apoio financeiro.



Reprodução e tradução autorizadas, exceto para fins comerciais, desde que a fonte seja mencionada e que seja obtida informação prévia do Departamento de Comunicação da Coordination SUD.

INTRODUÇÃO

A necessidade de uma transformação profunda dos sistemas alimentares¹, solicitada pela sociedade civil, está a começar a ganhar consenso internacional. De facto, face a múltiplas crises, o Estado, a sociedade civil e a investigação reconhecem que os sistemas alimentares precisam de evoluir para responder aos desafios da segurança alimentar e nutricional, do emprego, da justiça social, da resiliência e da adaptação às alterações climáticas e da preservação dos recursos naturais. Deste modo, em 2019, a FAO publicou *Os dez elementos da agroecologia* para orientar os países e promover a transição agroecológica a nível mundial².

Há vários anos que muitas organizações de agricultores e da sociedade civil lutam para que a agroecologia seja reconhecida como a forma mais adequada de propor uma mudança de paradigma para transformar os sistemas agrícolas e alimentares, tendo em conta todas as suas dimensões culturais, sociais, ambientais, económicas e políticas e garantindo a soberania alimentar das pessoas³.

Como os sistemas alimentares do Norte estão estreitamente ligados aos do Sul, existe um verdadeiro desafio de tornar consistentes todos os argumentos a favor da transição agroecológica e de reforçar as parcerias Norte-Sul.

É por isso que a Comissão de Agricultura e Alimentação da Coordination SUD (C2A) e a Aliança para a Agroecologia na África Ocidental (3AO) decidiram reforçar o seu interconhecimento, procurando identificar, compreender e promover as iniciativas dos intervenientes que defendem o desenvolvimento da agroecologia na África Ocidental.

Este mapeamento propõe a análise de nove redes de organizações de agricultores e da sociedade civil no seio da CEDEAO, com os seguintes objetivos:

- ↘ identificar as principais redes de defesa da África Ocidental envolvidas na agroecologia camponesa e compreender melhor o seu posicionamento, reivindicações e estratégias de defesa;
- ↘ reforçar a visibilidade das redes da África Ocidental que atuam a favor da promoção da agroecologia e transmitir os seus apelos;
- ↘ apoiar as respetivas competências e apelos das redes da África Ocidental e das organizações que integram a Coordination SUD, a fim de melhor influenciar as políticas públicas;
- ↘ criar ou reforçar parcerias entre a sociedade civil da África Ocidental e a da Europa, a fim de construir argumentos comuns capazes de convencer os decisores da necessidade de uma transição agroecológica e da importância de dirigir o apoio técnico/investigação e o financiamento para a agroecologia camponesa, e para apresentar uma frente unida, particularmente face ao modelo agroindustrial.

Todas as informações apresentadas nesta nota são baseadas em entrevistas com representantes das várias redes.

1. Coordination SUD, *Les Notes de SUD* n.º31, *Systèmes alimentaires et agricoles: vers une transformation radicale pour des modèles durables et résilients*, 2021.

2. FAO, *Les dix éléments de l'agroécologie. Guider la transition vers des systèmes agricoles et alimentaires durables*, 2019.

3. Coordination SUD, *Les Notes de SUD* n.º22, *L'agroécologie paysanne: alternative sociétale pour des systèmes agricoles et alimentaires durables*, 2020.

1. OS DESAFIOS DA AGROECOLOGIA NA ÁFRICA OCIDENTAL

A. Contexto

Os sistemas alimentares da África Ocidental baseiam-se, em grande parte, na agricultura familiar e na pesca, que fornecem quase 90% da alimentação da população⁴. É um setor económico fundamental, que emprega 55% da população, especialmente mulheres, e que representa quase 30% do PIB regional⁵.

Desde a década de 1970, os países da África Ocidental têm promovido métodos de intensificação agrícola inspirados na Revolução Verde: em particular, favorecendo o acesso a variedades comerciais com elevado potencial de rendimento e produtos sintéticos (fertilizantes e pesticidas), nomeadamente para culturas de rendimento (algodão, amendoim, café, cacau, etc.), mas também, nos últimos vinte anos, para certas culturas alimentares (milho, arroz, produtos hortícolas, etc.)

Contudo, este modelo de intensificação, que emergiu da Revolução Verde, representa agora uma ameaça tanto para a saúde dos ecossistemas cultivados e naturais como para a autonomia e bem-estar das comunidades agrícolas. Embora as primeiras tentativas de uma Revolução Verde na África Ocidental tenham sido um fracasso⁶, a pressão de uma série de intervenientes (agroindústria, certos países, etc.) está a crescer, particularmente através da promoção das biotecnologias.



© SOL, Alternatives Agroécologiques et Solidaires

No entanto, este modelo não parece ser capaz de dar uma resposta sustentável às dificuldades e desafios enfrentados pelas explorações agrícolas familiares da África Ocidental, nomeadamente:

- a pressão crescente sobre os recursos (água, terra, pastagens, florestas, etc.), levando à sua degradação;
- a monopolização e privatização de recursos, especialmente de terras (expansão urbana, apropriação de terras rurais por detentores de capital, etc.)⁷;



Os sistemas alimentares da África Ocidental baseiam-se, em grande parte, na agricultura familiar e na pesca.



4. Em 2016-2018: 87,5%. Jacques Berthelot da SOL, *La CnuCED a propagé le mythe d'une énorme dépendance alimentaire de l'Afrique*, 1 de junho de 2021.

5. CEDEAO, *L'agriculture et l'alimentation en Afrique de l'Ouest. Mutations, performances et politiques agricoles*, 2015.

6. INKOTA e Fondation Rosa Luxemburg, *False promises: The Alliance for Green Revolution in Africa (AGRA)*, 2020.

7. Coordination SUD, *Les Notes de Sud n.º14, Défendre les droits des paysannes et des paysans: pour une Déclaration des Nations unies*, 2018.

- a degradação da biodiversidade e as alterações climáticas ameaçam a resiliência dos sistemas alimentares⁸;
- o elevado crescimento populacional e a urbanização;
- a evolução da dieta alimentar (particularmente entre os habitantes urbanos, que exigem uma dieta mais qualitativa e diversificada, mas também mais rápida e menos complicada de preparar)⁹;
- a insuficiência do apoio das políticas públicas à agricultura familiar;
- as pressões comerciais ligadas à liberalização do mercado: acordos de parceria económica (APE) desequilibrados, proteção tarifária comum (TEC) insuficiente para se defender contra o *dumping* alimentar imposto pelos países europeus, etc. Os exemplos dos setores do leite¹⁰ e dos cereais¹¹ são disso testemunho.

B. A agroecologia camponesa: uma alternativa para sistemas agrícolas e alimentares sustentáveis



«A fome permanece, o que mostra o fracasso do modelo dominante. Precisamos de uma mudança radical nos sistemas alimentares, através da agroecologia¹²».

Roppa

Apesar das suas promessas, o modelo agroindustrial dominante, promovido pela maioria das políticas públicas, não tem sido capaz de melhorar as condições de vida dos agricultores nem de superar a fome e a má nutrição, cujos números estão em constante crescimento¹³. Por exemplo, em 2019, a FAO estimou que 690 milhões de pessoas em todo o mundo passam fome e que quase uma em cada dez pessoas em todo o mundo está em risco de grave insegurança alimentar¹⁴. Para além da sua incapacidade de fornecer uma alimentação saudável, de qualidade e em quantidade suficiente para alimentar a humanidade, o modelo agroindustrial contribui para a degradação ambiental, a erosão da biodiversidade e a aceleração das alterações climáticas: a agricultura industrial é responsável por um quarto das emissões globais de gases com efeito de estufa¹⁵.

8. Coordination SUD, *Les Notes de Sud* n.º12, *Politiques climatiques dans l'agriculture: quelle cohérence pour le développement des agricultures familiales et paysannes du Sud?*, 2018.

9. GRET, PAC, *Quelle cohérence avec le développement des agricultures paysannes du Sud?*, 2019.

10. Sobre a questão do leite, ver as campanhas «Mon Lait est local» e «N'exportons pas nos problèmes».

11. Sobre a questão dos cereais, ver o projeto «Valoriser les céréales locales» realizado no Senegal pela FONGS-Action Paysanne e SOL, *Alternatives Agroécologiques et Solidaires*.

12. Todas as citações são provenientes de entrevistas com representantes das redes analisadas.

13. FAO, *L'état de la sécurité alimentaire et de la nutrition dans le monde. Transformer les systèmes alimentaires pour une alimentation saine et abordable*, 2020.

14. *Ibid.*

15. GIEC, *Rapport sur le climat et les terres, sumário para decisores*, 2019.



© AVSF

A multiplicação de crises económicas, ambientais e alimentares, incluindo a pandemia da Covid-19, apresenta sinais de alerta que exigem uma transição agroecológica, a adaptação e a deslocalização dos sistemas agrícolas e alimentares.

a. Diferentes definições de agroecologia

A grande maioria da sociedade civil concorda com uma definição sistémica de agroecologia camponesa, que integra as suas dimensões agrónómica, cultural, social, económica e ambiental¹⁶. No entanto, outros intervenientes, particularmente no setor da agroindústria, limitam-se aos seus aspetos técnicos e criam os seus próprios conceitos de agricultura sustentável, que são muitas vezes vagos, a fim de tornar verde a sua imagem, defender as suas atividades e manter a sua posição dominante. É o caso, por exemplo, da «agricultura inteligente do clima»¹⁷ ou da «agricultura sustentável»¹⁸ em França.

A nível internacional, contudo, duas publicações fundamentais são agora utilizadas como referências para definir a agroecologia: os dez elementos de agroecologia da FAO¹⁹ e o relatório do Comité Científico (HLPE) do Comité de Segurança Alimentar²⁰ (CSA). Integram dimensões técnicas, ambientais e sociais.

b. A agroecologia camponesa definida pelo Manifesto de Nyéléni

A fim de clarificar os seus objetivos e de se distinguir de outras abordagens, incluindo a da agroindústria, um grande número de organizações de agricultores e da sociedade civil estão a apoiar o conceito de agroecologia camponesa.

Definida em 2017, no Manifesto de Nyéléni²¹, a agroecologia camponesa tem sete pilares fundamentais:



Este manifesto, que foi inicialmente o resultado de consultas entre os movimentos de agricultores do Mali, tornou-se rapidamente uma referência e foi oficialmente adotado durante a celebração do décimo aniversário do Fórum Mundial sobre Soberania Alimentar em Nyéléni, no qual participaram 250 delegados de organizações nacionais e internacionais de 54 países dos cinco continentes, com uma forte presença africana, incluindo as redes da África Ocidental: AFSA, CGLTE-OA, COASP, Copagen, LVC-OA, Roppa.



As organizações de agricultores e da sociedade civil estão a apoiar o conceito de agroecologia camponesa.



16. Coordination SUD, *Les Notes de Sud* n.º22, *L'agroécologie paysanne, alternative sociétale pour des systèmes agricoles et alimentaires durables*, 2020.

17. GRAIN, *Les Exxon de l'agriculture*, 2015.

18. Amis de la Terre France, FARRE: *l'agriculture raisonnée ou un drôle de réseau de protecteurs*, 2009.

19. FAO, *Les 10 éléments de l'agroécologie: guider la transition vers des systèmes alimentaires et agricoles durables*, 2018.

20. HLPE, *Rapport sur les Approche agroécologique et autres approches innovantes – pour une agriculture et des systèmes alimentaires durables propres à améliorer la sécurité alimentaire et la nutrition*, 2019.

21. Nyéléni, *Le manifeste de l'agroécologie paysanne*, 2017.

2. AS REDES DA ÁFRICA OCIDENTAL QUE PROMOVEM A AGROECOLOGIA

Apresentamos aqui nove redes históricas²², que reúnem milhões de agricultores de toda a África Ocidental:

- **Adepa:** Associação da África Ocidental para o Desenvolvimento da Pesca Artesanal;
- **AFSA:** Aliança para a Soberania Alimentar em África;
- **CGLTE-OA:** Convergência Global para a Luta pela Terra, Água e Sementes Camponesas na África Ocidental;
- **COASP:** Comité das Sementes dos Agricultores da África Ocidental;
- **Copagen:** Coligação para a Proteção do Património Genético Africano;
- **Inades-Formation:** Instituto Africano para o Desenvolvimento Económico e Social;
- **La Via Campesina – África Ocidental e Central;**
- **Roppa:** Rede de Organizações de Agricultores e de Produtores da África Ocidental;
- **Ufroat:** União das Mulheres Rurais da África Ocidental e do Chade.

A. Redes construídas em resposta ao contexto

Período	Contexto	Criação de redes/missão
1958	Independência dos Países da África Ocidental	
1975	Criação da CEDEAO	Inades-Formation: formar e liderar o mundo agrícola para que este se pudesse estruturar e defender melhor
Anos 80	Planos de ajustamento estrutural, desinvestimento do Estado e influxo de fundos privados	
1989	Secas, liberalização do mercado e concorrência dos produtos pecuários importados	
1992	Implementação de políticas públicas para a pesca e recursos haliêuticos a nível regional	Adepa: defender os interesses das comunidades de pesca artesanal e lutar contra a escassez dos recursos haliêuticos
2000	Acordo de Cotonou, criação da plataforma dos agricultores do Sahel	Roppa: defender os interesses da agricultura familiar nas políticas públicas
2001	Nova Parceria para o Desenvolvimento de África (NEPAD) ²³ , a União Económica e Monetária da África Ocidental (UEMOA) desenvolve o seu Plano de Política Agrícola (PAU)	Ufroat: representar as mulheres rurais nos órgãos de decisão e defender os seus direitos
2003	Cimeira de Maputo, declinação da componente agrícola da NEPAD, o Programa Global para o Desenvolvimento Agrícola da África (PDDAA), lançamento do algodão transgénico Bt em Burkina Faso	
2004		Copagen: lutar contra os OGM e a biopirataria Via Campesina AOC: reforçar a voz dos agricultores na África Ocidental, defender a soberania alimentar
2005	Política Agrícola dos Países da CEDEAO (Ecowap)	
2006	A Fundação Bill & Melinda Gates investe na Aliança para uma Revolução Verde em África (AGRA) e dirige a Ecowap para o agronegócio com resultados muito fracos	
2007	Fórum Mundial sobre Soberania Alimentar em Nyéléni, Mali	

22. Existem também duas redes de criação de gado na sub-região, Apess e RBM, mas não puderam ser entrevistadas para este mapeamento.

23. Desde 2018, a Agência Nova Parceria para o Desenvolvimento de África (NEPAD) tornou-se o órgão de implementação da estratégia de desenvolvimento da Agenda 2063 da UA.

Período	Contexto	Criação de redes/missão
2008	Aumento dos preços dos cereais Motins da fome	AFSA: combater a AGRA e defender a soberania alimentar em África
2011		COASP: criar uma rede de defensores das sementes dos agricultores, defendendo os direitos dos agricultores de semear, multiplicar, trocar e vender as suas próprias sementes
2014	Fórum Social Dakar para unir as lutas pela terra, água e justiça climática	
2015	A década Ecowap em revista: em vez dos 10% previstos, apenas 5% dos orçamentos foram atribuídos à agricultura e, principalmente, à agroindústria Fórum Internacional de Agroecologia (organizado pela CNOP Mali em parceria com a FAO, IPC e a Via Campesina) 1.º Simpósio Pan-Africano de Agroecologia, que reforça os compromissos assumidos no Fórum de Nyéléni	
2016	Entrada em vigor dos Acordos de Parceria Económica Provisórios entre a UE e a Costa do Marfim, a UE e o Gana ²⁴	CGLTE-OA e 1.º Caravana da África Ocidental: unir as lutas pela terra, água e justiça climática, defendendo, sensibilizando e mobilizando em torno dos direitos à terra, água e sementes dos agricultores
2017	Manifesto Nyéléni	
2018	Criação da Aliança para a Agroecologia na África Ocidental (3AO).	
2020	A pandemia da Covid-19 aumenta o empobrecimento da população e, portanto, a subnutrição	
2021	Acordo pós-Cotonou	Comité de consciencialização e ação: um novo quadro de diálogo e apoio que reúne 12 redes de organizações de produtores, sociedade civil e intervenientes das cadeias de valor na África Ocidental para enfrentar a crise, realizar um apelo conjunto

B. As redes complementares, mobilizadas sobre diferentes temas



A agricultura familiar:
Roppa, La Via Campesina AOC



A luta contra a monopolização das terras e da água:
CGLTE-OA, Copagen



A pesca tradicional:
Adepa



A defesa das mulheres rurais:
Ufroat



A proteção da biodiversidade:
AFSA, Copagen



A valorização das sementes dos agricultores:
COASP, Copagen

Temas transversais:

defesa dos sistemas alimentares locais, promoção de práticas sustentáveis que respeitem o ambiente, valorização dos conhecimentos e competências dos camponeses, autonomia dos camponeses, luta contra os pesticidas, género, juventude, etc.

24. Jacques Berthelot, *Vous avez dit libre-échange? L'Accord de 'Partenariat' économique*, Union européenne - Afrique de l'Ouest, Editions L'Harmattan, 2018.

C. Redes que fazem todas parte da luta pela transição agroecológica



«A agroecologia camponesa é a principal forma de assegurar a coesão social, a paz e a soberania alimentar na África Ocidental²⁵».

Ousseini Ouedraogo, Secretário-executivo na Roppa

«A missão da COASP é colocar de novo a biodiversidade e a autonomia das sementes no centro da agroecologia camponesa e da alimentação».

Omer Agoligan (Foco Benin) e Anne Berson Déna (Foco Mali) COASP

«A agroecologia dos agricultores é um dos nossos objetivos transversais e prioritários».

Massa Koné, Porta-voz da CGLTE-OA

«Queremos promover a pesca artesanal que respeite os ecossistemas, a pesca sustentável, agroecológica».

Lucie Tétégan, Presidente da Adepa

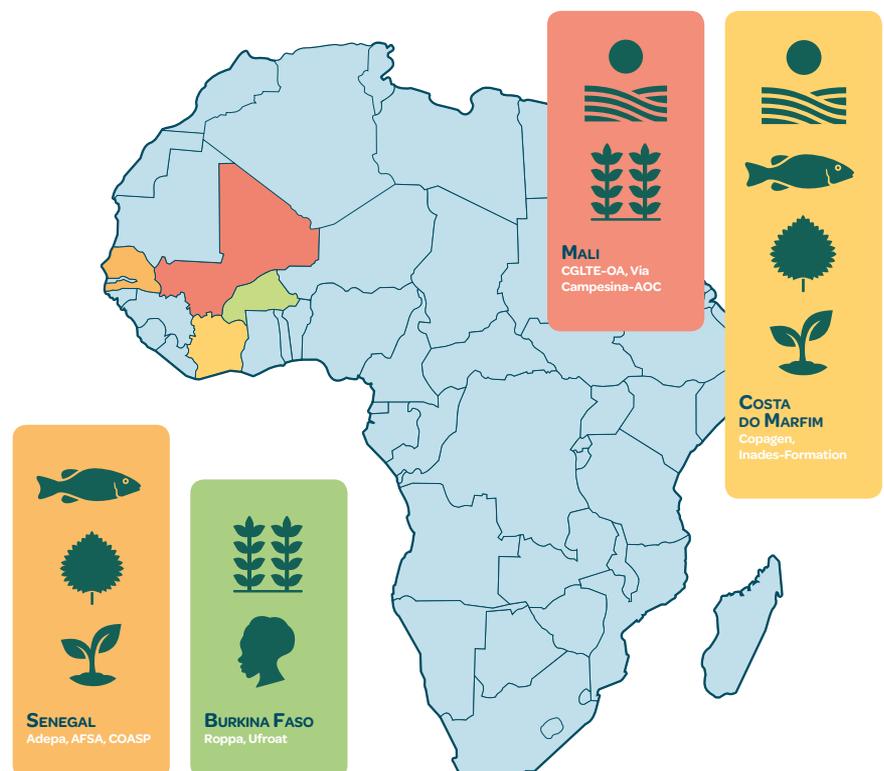
«A AFSA é uma aliança continental nascida para combater a AGRA e para dar uma resposta comum com a agroecologia».

Famara Diédhiou, Responsável de Programa na AFSA

«Para mitigar o aquecimento global, é crucial proteger a agricultura familiar camponesa: passar de sistemas agroalimentares intensivos e poluentes para sistemas sustentáveis, reterritorializados e baseados na agroecologia».

Sena Adessou, Secretária-geral da Inades-Formation

D. As sedes das redes estão concentradas em quatro países francófonos



25. Todos os relatos integrais são de entrevistas realizadas com os representantes das redes.

Uma força camponesa, comunitária e cidadã: as nove redes regionais analisadas representam 67 plataformas e associações nacionais espalhadas pela CEDEAO, e outros países do continente africano, e estão também associadas a retransmissores internacionais.

Uma força mobilizadora: as contra cimeiras, caravanas e campanhas lançadas por estas redes reúnem milhares de pessoas.

E. Ligações com outras redes, plataformas, investigação e o setor privado

O presente estudo não permitiu aprofundar as ligações entre as redes, nem identificar e qualificar as suas ligações com a investigação e o setor privado. Este é um assunto que merece ser explorado numa próxima fase do trabalho da C2A.



© Julien Deconinck da CCFD-Terre Solidaire

3. APOIO DA AGROECOLOGIA NA ÁFRICA OCIDENTAL

A. Espaços de apoio

a. A uma escala internacional

Embora este nível seja relativamente intocável pelas redes da África Ocidental, os principais espaços de negociação e apelo em que participam são o Comité de Segurança Alimentar Mundial (CSA) *através do* seu colégio da sociedade civil conhecido como o «Mecanismo da Sociedade Civil e dos Povos Autóctones» (MSC)²⁶ e o Tratado Internacional sobre Recursos Fitogenéticos para a Alimentação e Agricultura (Tirpaa).

A Roppa e a LVC levam a voz dos agricultores ao seio da FAO e da Organização Mundial do Comércio (OMC). A Roppa denunciou os acordos de parceria económica injustos, em particular em torno do algodão africano.

Desde 2015, a Coasp participa nas consultas sobre os direitos dos camponeses no âmbito das negociações do Tirpaa, a fim de defender a implementação dos direitos de sementes e o reconhecimento dos sistemas de sementes dos camponeses (variedades, práticas, conhecimentos, direitos). É de salientar que a Coasp manifestou a sua vontade de acompanhar mais de perto os processos políticos relacionados com o Protocolo de Nagoya (sobre acesso e partilha justa e equitativa dos benefícios da utilização dos recursos genéticos) e a Convenção sobre a Diversidade Biológica (CDB).

Será este um nível de defesa a privilegiar? Será uma prioridade para as redes da África Ocidental investir mais neste nível de defesa e, em caso afirmativo, como podem ser apoiadas para o fazer? Estas questões continuam por explorar e debater.

b. A nível continental (União Africana)

É também um nível que ainda está subdesenvolvido. Compreender melhor o funcionamento da União Africana (UA) e como esta pode ser uma alavanca para o avanço do apoio da agroecologia camponesa na África Ocidental parece ser um desafio.

A Copagen tem vindo a trabalhar desde o seu início para assegurar que os textos e políticas da UA inspirem desenvolvimentos legislativos a nível da CEDEAO e dos países da África Ocidental. De facto, no início da década de 2000, a UA adotou dois textos: um sobre biossegurança e o outro sobre a proteção dos recursos genéticos e dos direitos dos agricultores em África, que são leis modelo e, portanto, não são juridicamente vinculativas. Estes textos protegem os direitos das comunidades rurais, dos agricultores e dos consumidores.

A CGLTE elaborou contributos para as consultas da sociedade civil sobre a próxima estratégia União Europeia/União Africana. Como resultado, a CGLTE pretende participar e ter uma plataforma na próxima cimeira UE/UA prevista para outubro de 2021. É de realçar que a CGLTE também elaborou contributos no âmbito das consultas sobre a estratégia da União Europeia para o Sahel.

A AFSA está envolvida na legislação agrária (*através do* seu aliado Cicodev-Africa²⁷) e na proteção das variedades vegetais. Mais genericamente, o apelo da AFSA junto da UA visa desenvolver uma política alimentar africana baseada na agroecologia.

c. A nível regional (África Ocidental)

O nível regional é o principal nível de apoio das redes da África Ocidental analisadas até à data. A CEDEAO e, em menor medida, a União Económica e Monetária da África

26. Ver csm4cfs.org

27. O Instituto Pan-Africano para a Cidadania, os Consumidores e o Desenvolvimento.



© ROPPA

Ocidental (UEMOA) e o Comité Permanente Interpaíses para o Controlo da Seca no Sahel (CILSS) são os seus principais alvos de apelo. Para muitas destas redes, a prioridade parece ser investir nestes espaços e reforçar a sua compreensão do funcionamento destas instituições, a fim de otimizar estratégias de influência.

A Roppa é membro do Conselho da África Ocidental e Central para a Investigação e Desenvolvimento Agrícola da CEDEAO e participou na elaboração do Ecowap²⁸ e assegura a coerência dos programas de investimento agrícola (PRIA-SAN) para que o financiamento público e privado apoie a agroecologia camponesa, em vez da agroindústria.

A Roppa e a Copagen obtiveram lugares nas comissões da CEDEAO, UEMOA, CILSS e do Conselho da África Ocidental para a Investigação e Desenvolvimento Agrícola (CORAF).

Desde 2004, a Copagen tem vindo a trabalhar para influenciar o regulamento comunitário sobre a biossegurança da UEMOA/ECOWAS/CILSS (que se aplica diretamente aos países), a fim de incluir:

1. o direito inalienável das comunidades a viverem em territórios livres de OGM;
2. a rastreabilidade e rotulagem de todos os produtos e derivados de OGM;
3. a inaplicabilidade dos estatutos de limitação de danos relacionados com a utilização de OGM na África Ocidental.

Está também a começar um trabalho de identificação dos pesticidas proibidos pelos países da África Ocidental (que efetivamente continuam a circular) e pretende escrever um memorando para apelar ao cumprimento da proibição.

A Adepa faz parte da comissão sub-regional de pescas da CEDEAO e da Comissão Regional de Pescas do Golfo da Guiné. Defende uma melhor participação das comunidades de pesca artesanal nas políticas de pesca e o fim de todas as formas de indústrias que visam espécies ameaçadas.

28. Roppa, *Note Exploitation du rapport du Roppa, évaluation Ecowap*.
www.roppa-afrique.org/IMG/pdf/note_exploitation_du_rapport_du_roppa_-_evaluation_ecowap.pdf

Desde 2016, a CGLTE-OA tem estado envolvida na organização de caravanas da África Ocidental que têm por objetivo desafiar os decisores. Organizadas, em média, de dois em dois anos, terminam com a entrega de um *Livro Verde de Convergência* às autoridades nacionais e regionais, com o objetivo de melhorar as políticas públicas sobre terra, água, sementes de agricultores, pastorícia e pescas.

ESPAÇOS INSTITUCIONAIS DE INFLUÊNCIA POLÍTICA E DE INTERPELAÇÃO POLÍTICA A NÍVEL REGIONAL

Roppa	<ul style="list-style-type: none"> • Comité Consultivo para a Alimentação e Agricultura da CEDEAO • Quadro regional para o desenvolvimento e implementação de políticas agrárias espacialmente convergentes • ARAA / Comité Diretor Patae • CILSS/CORAF • Conselho Consultivo Superior da UEMOA • CIP (Comité Internacional de Planeamento para a Soberania Alimentar) /MSC/FAO • 10 anos de Nyéléni
LVC AOC	<ul style="list-style-type: none"> • Membro do Mecanismo da Sociedade Civil do CSA da FAO e do CIP • Parceria direta FAO/LVC • 10 anos de Nyéléni
COASP	<ul style="list-style-type: none"> • FAO/CIP/TIRPAA • Feiras regionais de sementes de agricultores
CGLTE-OA	<ul style="list-style-type: none"> • Plataforma Norte/Sul: Notre terre notre vie (CIDSE) • Caravanas da África Ocidental • Contra cimeiras (COP, etc.) • 10 anos de Nyéléni
Adepa	<ul style="list-style-type: none"> • Comissão das Pescas da CEDEAO • CPCEAO do Golfo da Guiné • Cohamat • FAO/CIP • Quadro de gestão conjunta
AFSA	<ul style="list-style-type: none"> • Através dos seus membros, na CEDEAO/Copagen • UA/Cicodev-Africa • Conferências universitárias sobre sistemas alimentares de dois em dois anos • 10 anos de Nyéléni
Copagen	<ul style="list-style-type: none"> • Ministérios (ambiente, agricultura) das coligações da Copagen • Membro observador dos comités de direção e monitorização da CEDEAO, UEMOA e CILSS no âmbito do processo de biossegurança • Fórum Anual da Copagen • 10 anos de Nyéléni
Ufroat	<i>Informação em falta</i>
Inades-Formation	<ul style="list-style-type: none"> • Assistência técnica de PATAE/AARA/CEDEAO • Comités Nacionais de Agricultura Familiar

d. A nível nacional e local

A maioria das redes da África Ocidental analisadas no âmbito deste estudo estão estruturadas como plataformas, coligações ou pontos focais nacionais (Roppa, CGLTE, Copagen, COASP) ou contam com o dinamismo dos seus membros a nível nacional para articularem as suas ações de apelo a nível regional com o apelo a nível nacional.

A este respeito, por exemplo, o apelo dos membros da CGLTE-OA ou COASP no Mali, para o reconhecimento dos direitos coletivos de terra e sistemas de sementes de camponeses, serviu como um estudo de caso e está agora a ser distribuído pelas reflexões das redes para inspirar e impulsionar o apoio a nível regional.

A Inades-Formation foi criada em 2014, no lançamento do Ano Internacional da Agricultura Familiar, dos Comitês Nacionais da Agricultura Familiar nos países membros da sua rede.



«Estamos convencidos de que a batalha da transição agroecológica se desenvolve a nível territorial, através das autoridades locais²⁹». Roppa

B. Os desafios do apoio da agroecologia camponesa na África Ocidental

a. Temas de defesa a consolidar

A fim de apresentar uma frente comum em agroecologia, as redes ainda precisam de aprofundar vários temas de defesa, mais ou menos recentes:

A transferência de subsídios de produtos químicos para fertilizantes orgânicos limitaria, entre outras coisas, o apoio às culturas de rendimento, que se baseiam num modelo agroindustrial. Contudo, deve ser dada atenção à forma como estes fertilizantes são produzidos e comercializados, a fim de promover a autonomia dos agricultores, para além das questões de clima e biodiversidade. Por exemplo, será necessário evitar a monopolização pela indústria de matérias-primas, tais como jacintos-de-água, que já são utilizados pelos agricultores para produzir fertilizantes orgânicos.

Na mesma linha, a questão dos biopesticidas também merece uma posição comum consolidada. A criação da empresa Eléphant Vert³⁰ no Senegal, por exemplo, levanta a questão da produção em grande escala de biopesticidas, causando o risco de manter os agricultores numa situação de dependência económica.

Apesar dos acordos existentes sobre a utilização de sementes de agricultores, a utilização de sementes híbridas é ainda largamente financiada, especialmente por intervenientes privados (pela Fundação Bill & Melinda Gates, entre outros), e limita o desenvolvimento e o acesso a uma oferta diversificada de sementes de agricultores, especialmente para a horticultura.

Globalmente, estas redes procuram consolidar os seus argumentos a favor de uma saída do pacote tecnológico, que beneficia apenas as culturas de rendimento e que tem consequências ecológicas significativas.

Finalmente, há ainda argumentos económicos a reforçar, a fim de orientar os subsídios para equipamentos e produtos adaptados à agroecologia camponesa: orgânicos, baseados nas técnicas e na investigação camponesas, produzidos por pequenas unidades à escala local, etc., e para lutar contra a lógica dos investimentos privados que financiam o modelo agroindustrial, como a AGRA, cujas externalidades negativas são muito onerosas para os países.



Estas redes procuram consolidar os seus argumentos a favor de uma saída do pacote tecnológico.



29. Esta citação é de entrevistas realizadas com representantes da Roppa.

30. A Eléphant Vert é um grupo agroindustrial franco-suíço.

b. O desafio de um posicionamento partilhado

Desde 2007, os Simpósios de Agroecologia da FAO têm contribuído para estruturar uma reflexão coletiva e política no seio dos movimentos e redes da África Ocidental. Tal apoiou as posições e os apelos dos parceiros franceses e europeus e enriqueceu o trabalho em que estes participam (CIDSE, C2A, HLPE, etc.).

Contudo, a afirmação de uma posição comum sobre agroecologia camponesa para todos os movimentos e redes da África Ocidental continua a ser um grande desafio. O Manifesto de Nyéléni é um passo importante, mas ainda existem pontos de divergência que continuam a impedir o progresso nos debates, nomeadamente:

- a utilização contínua de produtos químicos;
- a coexistência, possível ou não, de sementes certificadas com sementes de agricultores;
- a utilização de biopesticidas e fertilizantes orgânicos industriais, o que reforça o poder económico da agroindústria em detrimento da autonomia dos produtores.

Mais genericamente, coloca-se a questão da coexistência de modelos agroecológicos e agroindustriais e do horizonte que desejamos dar à transição para a agroecologia camponesa. Para as redes da África Ocidental, continua a ser um desafio refletir coletivamente sobre estas questões e definir uma visão comum específica. É de facto difícil libertar-se do pensamento exógeno, dados os riscos de influência e assimetria induzidos pelo sistema de ajuda ao desenvolvimento e parcerias.

c. Os desafios ligados ao financiamento da agroecologia camponesa

Apesar dos discursos encorajadores, os investimentos na agroecologia camponesa continuam a ser largamente insuficientes em comparação com o modelo agroindustrial. Por exemplo, entre 2015 e 2016, apenas 0,2% do orçamento da CEDEAO³¹ para reforçar a segurança alimentar e nutricional foram atribuídos ao programa de transição agroecológica³². Assim, a agroecologia não está à altura de outras questões, tais como o desenvolvimento de parcerias público-privadas como a Aliança Global para uma Agricultura Inteligente face ao Clima (Gacsa). Embora exista um consenso internacional sobre agroecologia, a maior parte do financiamento do desenvolvimento agrícola na África Ocidental continua a promover um modelo agroindustrial, proveniente da Revolução Verde³³. Exemplos incluem o apoio à agricultura inteligente face ao clima³⁴ ou os programas AGRA e DeSIRA, financiados pela UE no valor de 300 milhões de euros³⁵, que são o oposto das soluções propostas pelos movimentos de agricultores da África Ocidental.

31. Resumo das políticas até 2025 adotado pelo Comité Ministerial da CEDEAO sobre agricultura, ambiente e recursos hídricos, Abuja, Nigéria, 12 de dezembro de 2016.

32. Site do Ecowas a 28/04/2020.

33. Utilização de produtos químicos, sementes híbridas e equipamentos, desenvolvimento de parcerias público-privadas.

34. GRAIN, *Les Exons de l'agriculture*, 2015.

35. CCFD-Terre Solidaire, *DeSIRA: l'indésirable ? Quand des financements publics se mettent au service d'initiatives agricoles opaques*, 2021.

36. Action contre la Faim, CCFD-Terre Solidaire, Oxfam France, *Une recette à la française: une pincée d'agroécologie pour une louche d'agro-industrie*, 2021.

37. Banco Mundial, União Europeia, AFD e outras agências bilaterais.



A França continua a mesma dinâmica: enquanto nos últimos dez anos demonstrou um interesse crescente pelo modelo agroecológico e o integrou nas leis de desenvolvimento internacional, um estudo recente³⁶ assinalou que apenas 13,3% do apoio financeiro francês, nos últimos dez anos, foram direcionados para a agroecologia.

A falta de coordenação e coerência entre os doadores contribui para a divisão e dispersão das ações, com uma considerável perda de energia. Apesar do envolvimento dos movimentos de agricultores no processo de elaboração, o financiamento de políticas regionais como o Ecowap por um leque de doadores externos³⁷, com agendas e prioridades divergentes, resultou numa falta de clareza e coerência prejudicial.



© AVSF

A orientação do financiamento para a agroecologia e o apoio às explorações agrícolas familiares, em conformidade com os quadros políticos construídos conjuntamente com os agricultores, é necessária para a mudança de modelo. Neste sentido, os doadores institucionais são um dos alvos prioritários de apelo para as redes da África Ocidental.

As redes têm assim um duplo desafio a enfrentar: assegurar uma melhor circulação da informação para ligar os seus vários parceiros e também consolidar os seus argumentos e diversificar os seus instrumentos de apelo, a fim de abordar os espaços institucionais, bem como os seus membros. Além disso, o equilíbrio desigual de poder entre o Estado e o setor privado é reforçado pela falta de visibilidade destas questões a nível do público em geral. Assim, reforçar a comunicação e a mobilização em torno da agroecologia continua a ser um grande desafio, para encorajar os países a apoiarem este modelo.

d. Um desafio de concertação e mesmo de liderança?

A grande diversidade de intervenientes da África Ocidental envolvidos na agroecologia, especialmente intervenientes de defesa, torna a sua coordenação difícil. A maioria das redes estão interligadas e partilham os mesmos membros. Cada uma delas foi criada em resposta a uma questão política, com missões que se expandiram gradualmente em resposta ao contexto em mudança e aos desafios da transição agroecológica, à sua crescente importância na cena internacional e no discurso dos doadores. O risco de confusão e concorrência (para visibilidade, financiamento) entre redes ou iniciativas não é negligenciável. Tal pode ser visto, por exemplo, na constituição de redes para promover a agricultura biológica, paralelamente à agroecologia, embora possuam muitas características comuns. O «*problema da liderança*», destacado pela Apess e COASP, pode ser resolvido através de uma melhor organização, concertação e coordenação das redes, para que todos possam encontrar o seu lugar na luta pelo desenvolvimento da agroecologia.



«É necessário que as redes de OP e OSC atuem de forma coordenada e sinérgica a curto, médio e longo prazo³⁸». Roppa



O risco de confusão e concorrência (...) entre redes ou iniciativas não é negligenciável.



38. Esta citação é de entrevistas realizadas com representantes da Roppa.

4. CONCLUSÃO

No que diz respeito ao método, o estudo deparou-se com várias dificuldades: para além da falta de disponibilidade de certos intervenientes, a articulação dos objetivos deste mapeamento com a realidade das redes não era óbvia. A informação que queríamos recolher e analisar faz, de facto, parte de uma lógica de defesa que não é perspetivada da mesma forma na África Ocidental.

Estas redes são relativamente jovens e, na sua maioria, ainda se encontram em processo de estruturação. Enfrentam muitos desafios em termos de recursos e organização e nem sempre têm uma estratégia de defesa tal como concebida pelas organizações europeias. Dependem de doadores europeus e/ou internacionais para implementar as suas ações e de recursos limitados para se estruturarem, para se concertarem mutuamente e para desenvolverem em conjunto estratégias a longo prazo. Este é o principal desafio para estas redes e o que nos deve levar, enquanto ONG e coletividades francesas, a refletir sobre a nossa posição de parceria e apoio.

Basicamente, desenvolver e consolidar parcerias inter-redes para promover a agroecologia nas políticas públicas continua a ser um grande desafio. As organizações europeias podem ajudar os seus homólogos da África Ocidental a envolverem-se mais nos fóruns internacionais e de apelo da ONU, a fim de promoverem o modelo de agroecologia camponesa que defendem. É essencial que estejam presentes e que seja construída uma frente unida, juntamente com as nossas organizações europeias, para garantir que os desafios da agroecologia sejam reconhecidos, tanto no Norte como no Sul. A colocação da agroecologia camponesa como base comum para as nossas posições, embora declinando o conceito de acordo com as especificidades regionais e os temas levados por cada organização, poderia reforçar o peso da sociedade civil e das vozes dos agricultores na luta por sistemas agrícolas e alimentares mais justos e sustentáveis.

RECOMENDAÇÕES

- 1 Acompanhar a defesa** das redes da África Ocidental, apoiando a organização de reflexões e debates internos, a nível nacional e regional, a fim de alcançar posições comuns e um projeto político de transição agroecológica que lhes seja específico.
- 2 Pressionar os parceiros, doadores e instituições do Norte** a concertarem e a coordenarem mais estreitamente as suas políticas a fim de **reorientarem o financiamento e o apoio em grande escala e a longo prazo a favor das ações e soluções propostas pelas redes da África Ocidental**, em conformidade com o seu projeto de transição agroecológica³⁹.
- 3 Apoiar a partilha de conhecimentos**, estudos de capitalização, campanhas e a sua divulgação.
- 4 Criar e apoiar um espaço de diálogo regional multilateral iniciado pelas redes**, a fim de promover sinergias e complementaridades de ações, para abordar simultaneamente todas as questões e objetivos de defesa e, assim, reforçar a coerência e a força de combate política e cidadã das redes da África Ocidental a favor de uma transição agroecológica.
- 5 Apoiar a constituição de uma frente comum Norte/Sul** contra as ofensivas do setor privado e da agroindústria (AGRA, «falsas soluções», entre outras), composta pela sociedade civil e por organizações de agricultores da África Ocidental e da Europa.

39. Action contre la Faim, CCFD-Terre Solidaire, Oxfam France, *Une recette à la française: une pincée d'agroécologie pour une louche d'agro-industrie*, 2021.

RELAÇÃO DE REDES COM CONTACTOS ATUALIZADOS

ADEPA: Moussa MBENGUE, secretária-executiva
mbenguepeche@yahoo.fr

AFSA: Famara DIEDHIU, responsável pelo Programa da África Ocidental
famara.diedhiou@afsafrica.org

CGLTE-OA: Massa KONE, porta-voz
kmassa26@gmail.com, infosmat@gmail.com

COASP: Coordenada por três organizações, ASPSP no Senegal, ORAD no Benin e COFERSA no Mali
aspsp2003@yahoo.fr, orad.benin@gmail.com, cofersamali@gmail.com

COPAGEN: Jean-Paul SIKELI, secretária-geral
sikelijeanpaul3@gmail.com

Inades-Formation: Sena ADESSOU, secretário-geral
sena.adessou@inadesfo.net

La Via Campesina - África Ocidental e Central: Lamine COULIBALY, coordenador
laminezie@gmail.com

Roppa: Ousseini OUEDRAOGO, secretário-executivo
coouedraogo@yahoo.fr, roppa2000@yahoo.fr

Ufroat: Alimata TRAORE, secretário Sub-regional da Informação
alimaatou@yahoo.fr



Unir esforços e agir
em prol da solidariedade internacional

14, passage Dubail 75010 Paris
Telefon: +33 1 44 72 93 72
www.coordinationsud.org